

INTRODUÇÃO

Este número de Psicologia é preenchido essencialmente com artigos alusivos à sexualidade, compreendida de um ponto de vista psicanalítico.

A psicanálise é habitualmente associada com a ideia de uma amplificação das funções sexuais, para além de todo o razoável. É vulgar falar-se do pan-sexualismo psicanalítico, no sentido de tudo ser referido a impulsos sexuais postos um pouco por toda a parte, a uma pesquisa universal de um prazer de fundo sexual.

A psicanálise evoca receios de um sexo com potencialidades subversivas, visto como ímpeto em fúria, instinto animal que dormindo sob as cinzas apagadas da vida consciente seria capaz de, quando espicaçado, derrubar tudo à sua frente.

Muitas pessoas receiam este sexo invasivo, tanto mais que vivem consoladas com uma visão do Amor composto de sentimentos serenos, cantados por poetas elegíacos ou sublimados pelos arroubos dos pregadores místicos.

Ni ange ni bête. O que se pode dizer para os humanos, pode dizer-se para a psico-sexualidade, quer dizer para uma sexualidade que não é só força biológica, mas também psicológica, logo deixando-se dobrar e amansar aos ditames das relações inter-pessoais. Será o que veremos a propósito da sexualidade infantil (Celeste Malpique), no caso das perversões sexuais, de aparência tão crua e desumana, mas que têm paralelo nas aspirações místicas ou filosóficas mais depuradas, paradoxalmente procurando até a negação da sexualidade pela abolição fantasiada de dois sexos diferentes (como mostra Mário Casimiro):

A abordagem das primeiras manifestações sexuais e amorosas dos jovens — «primeiro Amor» (Coimbra de Matos), incidentes relacionados com a menarca (Celeste Malpique) — é relacionada com os princípios da educação sexual no artigo do meu saudoso companheiro e amigo Francisco Alvim.

Finalmente eu próprio abordo no artigo Significados de Eros e Afrodite a perspectiva dual sobre o sexo biológico e psicológico. Este trabalho procura relacionar, entre outros pontos, Darwin com Freud, figuras eminentes ambas da Biologia e da Psicologia, que considero cada vez mais próximas. Darwin não só conseguiu tornar o homem objecto natural da ciência, mas foi quem primeiro apresentou, através da teoria da Selecção Sexual, a força desse instinto que não só conserva as espécies (através da reprodução), mas as transformava, como segundo agente modificador, o mais poderoso logo a seguir à Selecção Natural.

Darwin veio libertar a vida do domínio dos condicionalismos inescapáveis, das leis da máquina (animais-máquina de Descartes), e paralelamente a Freud veio tornar claras as potencialidades de conservação e mudança representadas por essa força viva que é biologicamente Sexo e psicologicamente Amor.

PEDRO LUZES *

* Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação da Universidade de Lisboa